

IARA: MITO E LITERATURA

Rossemberg da Silva Freitas¹, Cássia Maria Bezerra do Nascimento²

1. Graduando em Letras, Língua e Literatura Portuguesa pela UFAM

2. Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM

Resumo:

Este projeto investigou, diante de registros históricos, lendas e literatura oral, da Literatura Latina e das obras da Literatura em Língua Portuguesa, a personagem Iara, em sua face mítico-residual, ora com traços indígenas ora europeus. Para tanto, foram explorados textos retratando a figura da mulher antropozoomórfica para a compreensão da natureza encantada e demoníaca de Iara, em seu universo mítico e religioso. Nestes propósitos, investigamos a face pagã de Iara em relação à Lilith, aquela que em Isaías é apontada como demônio do deserto e primeira esposa de Adão dentro da cultura judaico-cristã, uma face insubmissa e diabólica da mulher, logo substituída por Eva. Teve, portanto, como base de análise, *Ritmos de Inquieta Alegria*, de Violeta Branca e *A Uiara e outros poemas*, de Octávio Sarmiento e fundamenta-se na teoria da Residualidade Literária e Cultural, na Literatura Comparada, nos estudos de Mito e Literatura, na História da Sexualidade e nos estudos sobre o feminino.

Palavras-chave: Iara; Mito e Literatura; Residualidade.

Apoio financeiro: CNPq

Trabalho selecionado para a JNIC pela UFAM

Introdução:

A entidade mítica Iara tem importante representação no folclore brasileiro, sendo personagem em diversos textos em prosa e verso, seja por meio de autores consagrados, seja pelos mais velhos em algum interior da região amazônica.

Esta sedutora personagem do imaginário popular é de fundamental relevância até para a construção da nacionalidade, e, como tal, merece destaque, visto que muitos contam que ela é real.

Identificamos, na literatura de língua portuguesa, a personagem Iara, em sua face mítico-residual, ora com traços indígenas ora europeus. Recorremos a textos literários e mitológicos que trazem a figura da mulher

antropozoomórfica, para a compreensão da natureza demoníaca de Iara.

Investigamos também a face pagã de Iara em relação à Lilith. Para este fim, analisamos o universo mítico e religioso nos textos literários e mitológicos que trazem a personagem Iara e os textos relacionados à Lilith.

Para tanto, este projeto tem como base de análise, as obras *Ritmos de Inquieta Alegria*, de Violeta Branca e *A Uiara e outros poemas*, de Octávio Sarmiento e fundamenta-se na teoria da Residualidade Literária e Cultural de Roberto Pontes (1999, 2006), Elizabeth Dias Martins (2011, 2012) e José William Craveiro Torres (2011); nos estudos de mimesis de Aristóteles (2011) e Erich Auerbach (2015); nos estudos de Literatura Comparada de Eduardo Faria Coutinho e Tania Franco Carvalhal, 1994; na História das Mentalidades de Georges Duby (1992); nos estudos do Mito de Mirceia Eliade (1972, 1992), Junito de Souza Brandão (1986), Martha Robles (2006), Marcos Frederico Krüger (2011), Joseph Campbell (2013), Jorge Luis Borges e Margarida Guerrero (1989); história da Sexualidade de Michel Foucault (2014); e na história acerca do feminino na Literatura, Mary del Priore (2011) e Leila Mezan Algranti (1999).

Os objetivos da pesquisa foram o de investigar, na Literatura de Língua Portuguesa, a personagem mítica Iara como entidade de natureza dupla, pertencente ao ambiente amazônico, em estudo residual e comparado com outras personagens míticas e literárias, analisando a mulher antropozoomórfica e sua demonização, desde a antiguidade.

Metodologia:

A pesquisa bibliográfica ocorreu em três etapas, não consecutivas. Desse modo, foram atividades simultâneas: I. Leitura e análise literária; II. Estudos da fundamentação teórica e III. Realização de estudo comparado e residual.

São etapas do projeto “Iara: mito e literatura”:

- I. Leitura e análise literária: levantamento sobre a mulher antropozoomórfica e sua demonização, desde a antiguidade, dentro da mitologia e da Literatura, às

- representações arquetípicas na Literatura de Língua Portuguesa; e levantamento sobre a presença de lara em textos da Literatura Brasileira, também em textos da formação da cultura brasileira e amazônica (histórias, mitos e lendas);
- II. Estudos da fundamentação teórica: a teoria da Residualidade Literária e Cultural de Roberto Pontes (1999, 2006), Elizabeth Dias Martins (2011, 2012) e José William Craveiro Torres (2011); estudos de Literatura Comparada de Eduardo Faria Coutinho e Tania Franco Carvalhal (1994); a História das Mentalidades de Georges Duby (1992); os estudos do Mito de Mircea Eliade (1972, 1992), Junito de Souza Brandão (1986), Martha Robles (2006), Marcos Frederico Krüger (2011), Joseph Campbell (2013), Jorge Luis Borges e Margarida Guerrero (1989); história da Sexualidade de Michel Foucault (2014); e a história acerca do feminino na Literatura de Mary del Priore (2011) e Leila Mezan Algranti (1999);
 - III. Realização de estudo comparado e residual sobre a mulher antrotopozoomórfica, numa investigação que busca confirmar ou negar as relações residuais entre a Sereia e lara; e que busca analisar a face residual da cultura judaico-cristã, de Lilith, em lara.

Resultados e Discussão:

Do Mito Gutural Ribeirinho, Certos Resíduos

Dentro do folclore brasileiro, encontramos uma entidade feminina de natureza dupla que habita o imaginário indígena, lara, tendo, em sua figura, outra entidade, que possui semelhantes aspectos quanto à demonização, Lilith, da cultura judaico-cristã.

Para que entendamos tais faces, compreendamos, primeiramente, que partindo do pressuposto de que a arte é representação mimética da realidade, sistematizada por Roberto Pontes, a Teoria da Residualidade Literária e Cultural que diz que não há nada original, tudo é residual, pensando o resíduo como algo presente na realidade e representado na Literatura por meio da imitação e, portanto, parte da compreensão acerca do que se trata a teoria e também do que falam as vozes clássicas sobre o mundo, nos universos mítico e literário, que, com o passar dos tempos, passaram a habitar a

mesma esfera, a da criação. A arte presente na literatura realiza a imitação da realidade para que os leitores sintam-se próximos do que há escrito.

Em se tratando, especificamente, do feminino amaldiçoado pela Igreja e pelo patriarcado, visto que a Igreja Católica sempre teve um pé, ou os dois, na propagação da ideia de inferiorização da mulher, vemos que segundo o *Malleus Maleficarum*, as mulheres possuem contato com o diabo, e, a partir disso, elas conseguem injuriar os homens.

A mulher, então, é vista como inferior desde os primórdios do patriarcalismo. A exemplo, Eva que traz-nos o mito da eterna submissão arquetípica, que detém no sangue o pecado e Pandora como símbolo da curiosidade e dos males trazidos ao mundo.

Sendo a mulher já atribuída de pecado, aquelas antrotopozoomórficas são, de imediato, postas em posições de inferioridade, e transformadas pelo cristianismo misógino como o próprio emblema do demônio, pois, reflete, “na parte superior do corpo, o prazer das diversas expressões de feminilidade, mas, abaixo da cintura, é a imagem da luxúria e da bestialidade.” (*Grandes Enigmas da Humanidade*, vol. 2, 2009).

Da Crescente de Prata, Abençoada Lua Cheia, e Dourada Minguante

A investigação tornou possível comparar as duas faces femininas e seus pontos de contato com as faces da Deusa, (Donzela, Mãe e Anciã, que, por conseguinte, estão ligadas às três fases da Lua trabalhadas na Bruxaria, respectivamente, Lua Crescente, Cheia e Minguante, e aos três ciclos da vida humana, infância, maturidade e velhice), divindade feminina que: “[...] foi chamada de Ishtar, Astarte, Inanna, **Lilith**, Ísis, Maat, Brigit, Cerridwen, Gaia, Démeter, Danu, Arianhod, Afrodite, Vênus, Ártemis, Athena, Kali, Lakshmi, Kuan-Yi, Pele e Mary”. (grifo nosso) (PRIETO, 2003, p. 29).



Figura 1: Lilith, arte da colagem da sereia cartão postal
Fonte: Torn Paper Paintinas

Sua primeira face, a Donzela, é jovem, virgem, a face presente na inocência,

despreocupação e intensa alegria de viver. Em Lilith e lara, vemos na face da Donzela toda a beleza e sensualidade de ambas entidades, em suas formas jovens. Lilith, em sua forma de Donzela, retorna como símbolo arquetípico de independência da mulher, que reafirmando “na consciência [...], penetrou definitivamente nos hábitos de massa como imagem folclórica da recuperação do feminino e símbolo de emancipação da mulher”. (SICUTERI, 1985, p. 143). Já a Donzela lara aparece como a formosa ninfa que “vive nas margens dos igarapés, [...], seduzindo os tapuios, encantando-os e carregando-os para o fundo”. (MORAES *in* LOUREIRO, 2015, p. 272).



Figura 2: Fascinação de lara, 1929, óleo sobre tela
Fonte: Theodoro Braça

“A face da Mãe é tida como a da eterna doadora da vida” (PRIETO, 2003, p. 180). Em Lilith, é grande a associação à face Mãe da Deusa. Sicuteri afirma que: “Lilith é analisada como significado arquetípico da alma dividida, reconduzida internamente ao mais originário arquétipo da Grande Mãe urobórica bivalente, que reflete a repressão parcial dos instintos e a censura das pulsões sexuais”. (SICUTERI, 1985, p. 140). lara, de modo análogo, também é chamada de Mãe, pois, “se em Portugal era a Sereia, na Espanha era a Sirena, na Alemanha era Lorelay, na Grécia eram as Nereidas, na Amazônia era a Mãe d’Água” (LOUREIRO, 2015, p. 272).

Por fim, a terceira e última face mostra-nos que “sem a Virgem não há começos, sem a Mãe não há vida e sem a Anciã não há o fim” (PRIETO, 2003, p. 183). A Lilith em sua face Anciã é vista, principalmente, na Idade Média, como bruxa velha, e “andava à caça até de recém-nascidos e crianças ainda não batizadas, para arrastá-las para longe de casa, matá-las e até devorá-las” (SICUTERI, p. 118). Em lara, prevalece o aspecto da morte da face Anciã, pois, também na lara a água da morte aparece como um elemento desejado. “[...].Morre para renascer encantado, habitante

da encantaria do fundo do rio.” (LOUREIRO, 2015, p. 274).

Eis Que Surge o Ser Encantado, Mulher, Como Incógnita Atração do Abismo

Dito isso, torna-se, então, comum a aparição de figuras míticas na literatura, assim como as sereias, a própria lara são como representação feminina na cultura amazônica. Violeta Branca traz em seus poemas tanto a figura da lara, como o canto da sereia para o seu marujo incauto.

A figura feminina que aparece no início do primeiro poema recebe a incumbência de ir ao fundo dos rios e de ser lara, no entanto, apaixona-se por um marujo e é castigada, transformando-se em mulher, em humana. O canto da Mãe d’Água, da própria sereia, é também tido como agouro. Seu canto é forma de previsão de maus acontecimentos, desgraças, tragédias, aparições de terrores maiores. De modo análogo, Violeta Branca mostra um eu-lírico que traz em sua voz a *poesia do cântico das sereias* e o alvo é o marujo:

Quisera escrever um poema
que só os marinheiros compreendessem
[...]
E eles teriam para mim uma oração
porque eu os levaria a sentir
os versos que, despercebidos, eles
mesmos escrevem
na conquista do mar...
(BRANCA, 1998, p.109).

Violeta Branca destaca a presença do encantamento em lara, afirmando-a como entidade perigosa que atrai pobres homens ao enlace aquático fatal, e adverte quanto aos perigos das vozes das águas e das matas.

Já Octávio Sarmiento mostra-nos uma lara sem cauda, com os mesmos atributos da sereia, até chamada assim. O poema A Uiara desenrola-se na melancolia do personagem Militão, que, após ver-se sozinho na estrada empoeirada e ressequida, encontra no verde amazônico fagulhas de esperança, e põe-se a trabalhar em seringais. Ao encontro de Militão com Uiara, vemos suas características, não há um aleijão animal que a toma como ser híbrido, descreve-se tão somente a sexualidade de uma mulher que surge das águas:

[...]
Aí, sobre uma pedra, esplende a Uiara:
Bate o luar sobre os seus lindos traços;
O seu olhar febril vibra, através
Das sedosas pestanas; nu o seio,

O ventre arqueado e nu; os curvos braços
Desnudos... Ela, ereta, altiva, ardente,
Se mostra nua da cabeça aos pés!...
A cabeleira em múltiplos novelos,
Corre-lhe o corpo até os tornozelos...
(SARMENTO, 2007, p. 82)

É descrita, por fim, a cena universal da sereia: descansando sobre uma pedra à beira das águas.

Conclusões:

O estudo de título lara: mito e literatura nos leva ao passado, aos ditos para que se celebre a Deusa em todas as suas formas e aspectos divinos, pois ela é criadora e destruidora, ouçamos o seu canto, pois ela canta em tudo o que há.

A relaização do estudo foi feito com levantamento bibliográfico em que se buscou, na história e literatura, sobre a face da mulher pecadora e híbrida, estudo comparado com a personagem lara e análises em que foram encontrados pontos em que lara é apresentada com as características lílíticas, para identificar, deste modo, a face residual da cultura judaico-cristã.

Por fim, reconhecemos a identidade de lara como entidade feminina que possui traços pertencentes a mulheres de outras culturas, como também sua natureza antropozoomórfica, é, de fato, a de uma figura arquetípica como Lilith, podendo ser mais um nome para se celebrar a Grande Deusa, pois, assim como Lilith, lara mostrou suas faces donzela, mãe e anciã.

Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BÍBLIA SAGRADA, *O antigo e o novo testamento*. Tradução, introdução e notas: Euclides Martins Balancin. Edição Pastoral. Ed. Paulus, São Paulo: 1990.

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Carmen Vera Cirne Lima; ilustrações de Jussara Gruber. São Paulo: Globo, 1989.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. tradução de David Jardim Junior – Rio de Janeiro, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *Conversa com Bill Moyers. O Poder do Mito*. Ed. Figueira da Foz:

Portugal. 2013.

CORDEIRO, Renata (seleção). *Erotismo e sensualidade em versos: antologia de poesias eróticas da antiguidade aos nossos dias*. Ilustrações Auguste Rodin. – São Paulo: Landy Editora, 2005.

CORSO, Mário. *Monstruário: inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros*. Ilustrações: Jaca – Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, 2ª ed.

COUTINHO, Eduardo Faria & CARVALHAL, Tania Franco (Orgs.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUBY, Georges. *Damas do século XII*. Tradução Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2013.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Editora Perspectiva S.A., São Paulo, 1972.

_____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOMERO. *Odisseia*. tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes. – [25. ed.] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JESUS, Ester Zuzo. *O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora*.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. 3ª edição – Manaus: Editora Valer, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do Imaginário*. 5ª Ed. – Manaus: Editora Valer, 2015.

PRIETO, Claudiney. *Wicca, a religião da Deusa*. 5ª edição, São Paulo: Gaia, 2003.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução William Lagos, Débora Dutra Vieira. - São Paulo : Aleph, 2006.

SANCHES, Cleber Cid Gama. *Fundamentos da cultura brasileira*. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A lua negra*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 3ª Ed.